

## PARA COMPREENDER A BASE ANTROPOLÓGICA DA MÍSTICA

**Marcel Alcleante Alexandre de Sousa**

Doutorando em andamento em Ciência da Religião UFJF/PPCIR/ bolsista CAPES.

<https://orcid.org/0000-0001-6149-2457>

<http://lattes.cnpq.br/6761378720831836>

E-mail: [marcelalcleante@yahoo.com.br](mailto:marcelalcleante@yahoo.com.br)

DOI-GERAL: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2022.V1N1>

DOI-INDIVIDUAL: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2022.V1N1-08>

**RESUMO:** A comunicação apresenta a etimologia do termo mística a partir de sua base conceitual e, em um segundo momento, sua repercussão na história construída pelo homem/divindade. Surgiu a partir do incentivo do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Filosofia Medieval - Principium/UEPB. É uma pesquisa oriunda de análises bibliográficas. O trabalho não se detém a uma obra específica, mas reúne pensamentos que falam sobre mística, seja na dimensão conceitual, como em aspectos inerentes a experiência com o sagrado. A sua importância consiste em oferecer um apanhado conceitual e antropológico do termo mística. Com isso, entendemos que a melhor maneira de corresponder à união de uma dualidade existente na fonte da mística, se assim pode ser compreendida, e a abertura sensitiva e intelectual que o homem desenvolve na experiência do inefável.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homem. Mística. Conhecimento. Religião.

## TO UNDERSTAND THE ANTHROPOLOGICAL BASIS OF MYSTIC

**ABSTRACT:** The communication presents the etymology of the term mystic from its conceptual basis and, in a second moment, its repercussion in the history constructed by man/divinity. It arose from the encouragement of the Center for Research and Studies on Medieval Philosophy - Principium/UEPB. It is a research based on bibliographic analysis. The work does not stop at a specific work, but brings together thoughts that talk about mystique, whether in the conceptual dimension, or in aspects inherent to the experience with the sacred. Its importance lies in offering a conceptual and anthropological overview of the term mystic. With this, we understand that the best way to correspond to the union of a duality existing in the source of mysticism, if that is how it can be understood, is the sensitive and intellectual opening that man develops in the experience of the ineffable.

**KEYWORDS:** Man. Mystic. Knowledge. Religion.

## INTRODUÇÃO

A experiência mística do Absoluto é um problema filosófico do âmbito da transcendência. Uma das possíveis teorias dessa possibilidade pode ser chamada de

mística. A mística é um fenômeno especulativo filosófico e teológico que apresenta, através da linguagem manifestada pela fé e na razão, uma união do homem com Deus.

Para explicar epistemologicamente o significado do termo mística é preciso recorrer ao pressuposto de que foi compreendida como uma palavra ora substantivada, ora adjetivada. *Mystikós* e *mysticus* até o século XVI eram concebidos como adjetivos, após este século (XVII) foi entendida como substantivo. A “mística [no entanto] é um adjetivo (em grego *mystikós*) da palavra mistério (*mysterion*)<sup>1</sup>. *Mysterion* vem do grego, derivado do verbo *myo* e do verbo *ago*. O verbo *myo* corresponde a “fechar os lábios”, “estar fechado”. A nomenclatura *ago* é atribuído à ideia de “conduzir”. Significa, portanto, o ato de inserir alguém na ciência de uma verdade escondida.

A partir desses pressupostos, ao se falar de mística, pensou-se em dois aspectos: o místico e a mística. O místico “[...] é aquela pessoa que consegue ver na história e em todas as articulações da existência humana este fio condutor divino que tudo une, tudo ordena e tudo eleva”<sup>2</sup>. Propriamente, os fundamentos desse termo estão ligados tanto ao ser humano como também ao ser transcendente. A mística é uma ciência do transcendente que pressupõe experienciar o divino e, muitas vezes, é melhor expressa pelo sentido do calar. Desse modo, sendo a mística um conhecimento intrínseco à essência do homem, difere, no entanto, dos outros saberes por se preocupar em unir o homem, apesar de sua multiplicidade, com o Uno.

Ainda na procura de definir o que seja mística, encontra-se em Tugendhat o seguinte argumento: “*La palabra mística es irremediavelmente ambigua, pero si se la entiende como consciencia de la unidade de todas las cosas, se puede distinguir tanto em Sankara como em Eckhart um componente místico y otro religioso*”<sup>3</sup>. Esta característica apontada pelo filósofo reflete o quanto a mística não deve ser entendida como religião, ou seja, é possível existir sim, na religião, o místico, mas não significa que para ser místico seja preciso, necessariamente, ser religioso<sup>4</sup>. Desse modo, Sankara<sup>5</sup> pode ser considerado como exemplo da dimensão religiosa, por ter influenciado misticamente a cultura védica ou a religião hindu. Mesmo assim, em Sankara a experiência mística não tem um caráter filosófico, porém um modelo de vida, uma religiosidade. Segundo Tugendhat, a mística, por ser antropológica, não quer dizer que seja religiosa, pelo contrário, é superior à religião. Diz respeito a uma relação com a inteligência metafísica.

SOUSA, M. A. A. Para compreender a base antropológica da mística. *Revista Eletrônica Amplamente*, Natal/RN, v. 1, n. 1, p. 91-102, jan./mar. 2022. ISSN: 2965-0003.

Ela procura responder às dúvidas que estão relacionadas às impossibilidades de ter acesso ao que transcende a compreensão humana.

Como busca disso, encontramos, na linguagem, a forma específica que norteia tal experiência. Para Boff:

Em razão disto, a linguagem mística se reveste de paradoxos: Deus é tudo e Deus é nada. O mundo é infinito e o mundo é finito. As trevas são luminosas e a luz é tenebrosa. O grande saber é não saber e o absoluto saber consiste em não saber que não se sabe. A questão da dialética nos encaminha assim para o problema da linguagem própria da mística<sup>6</sup>.

Esse jogo de contradições expressa por Boff relata o quanto uma especulação mística se envolve com uma propriedade inefável que está além de todo conhecimento, que pode ser buscado tanto no aspecto afetivo quanto intelectual, fazendo com que as experiências vivenciadas pelos místicos tornem-se fontes teóricas do saber oculto.

## BASES ANTROPOLÓGICAS DA MÍSTICA

A realidade universal da mística consiste em considerar que não significa ser, propriamente, religioso para ser místico. Em Tugendhat encontra-se, além da experiência religiosa do Bramanismo, um estudo da mística a partir de três perspectivas, a saber, a budista, a taoísta e a cristã. A mística budista é baseada no experimento do EU. Não se trata de aproximações de divindades, mas do vazio ao qual o homem está sujeito. No texto de Blanco<sup>7</sup> encontramos um relato do que consiste misticamente o budismo. Para ele:

En el célebre sermón de Benarés, Buda se refiere al camino medio, ni buscar placeres, ni ser asceta, recomienda el camino óctuple que consiste en: recta visión, recta intención, recto discurso, recta conducta, rectos medios de subsistencia, recto esfuerzo, recta memoria y recta concentración, conduce al nirvana o liberación iluminada. La raíz del mal es el deseo, abandonar el deseo es encontrar la paz.

Segundo Blanco, os budistas não mencionam o divino, pois tudo o que acontece além do silêncio é criação do homem e, portanto, experienciar a divindade sem a prática do silêncio é uma contradição. Para os budistas a mortificação do EU (*nirvana*)<sup>8</sup> é a experiência mística por excelência<sup>9</sup>.

SOUSA, M. A. A. Para compreender a base antropológica da mística. *Revista Eletrônica Amplamente*, Natal/RN, v. 1, n. 1, p. 91-102, jan./mar. 2022. ISSN: 2965-0003.

A mística taoísta, por sua vez, pode ser descrita a partir de duas verdades, uma que é da terra e a outra que vem do céu. O êxtase taoísta é o abandono. Nesta perspectiva, o abandono contribui para que o homem encontre a libertação que tanto deseja, seja de vícios ou não. O taoísmo está baseado na experiência da renúncia pessoal. Este fato, de imediato, descreve a situação do taoísta, pois, se sua alma se aproxima da superior ela será superior, do contrário será inferior. Desse modo, o que pensou Laotzé<sup>10</sup> e ChuangTzu<sup>11</sup> no século IV e III a.C. sobre a mística é que, mística é a unidade. *“El sistema místico de Laotzé se funda en este principio eterno que no tiene atributos y una suprema unidad. Es transcendente y no puede ser captado ni expresado; pero actúa en todos los seres, es inmanente al mundo al que ordena y anima”*<sup>12</sup>.

Já a mística cristã, embora tenha suas bases no neoplatonismo, é descrita nos Evangelhos. João e Paulo de Tarso são personagens bíblicos que simbolizam esse tipo de mística a partir de suas relações com o Verbo encarnado, Jesus Cristo. Tanto João como Paulo descrevem fatos que os deixam ligados a Cristo. Desse modo, podemos aferir que a fé e o amor são a base de toda a mística cristã. Deus se deu a conhecer por meio de seu filho. Diferentemente da budista e da taoísta, a mística cristã *“[...] es la peculiar adhesión a Dios que los cristianos llaman fe, esperanza, caridad. La mística se mueve en el interior de la fe, requiere siempre la referencia a la palabra revelada”*<sup>13</sup>.

Apesar de podermos encontrar características diferentes entre as místicas budista, taoísta e cristã, é necessário dizer que existe, apesar de se diferenciarem, o limite: algo comum na relação entre o homem e a divindade. Para os budistas essa realidade é apresentada a partir do além da palavra; aos taoístas, é a impossibilidade de exprimir a divindade, e para os cristãos é a experiência de amar e ter fé.

## EXPERIÊNCIA MÍSTICA

A mística sendo compreendida ora como substantivo ora como adjetivo (o que caracteriza o místico - adjetivo e quem é o místico - substantivo) é a característica dada a uma série de experiências situadas no campo do translógico. Isso porque o objeto de toda a mística é o Ser superior a tudo e a todos. Neste sentido, a mística pode ser definida como *“[...] um fenômeno totalizante, no qual estão integrados todos os*

aspectos da complexa realidade humana”<sup>14</sup>. Pode significar os aspectos antropológicos que não se auto-excluem na relação homem/divindade. Logo, a *Experiência Mística* pode ser entendida como esta complexa realização do ser mensurável no ser imensurável.

Para Lima Vaz, o primeiro aspecto da atividade mística é o ‘terreno do Absoluto’ que é caracterizado pela apresentação do místico e a sua própria limitação e a impossibilidade de uma total abertura ao *Numem*<sup>15</sup>. Em Lima Vaz encontram-se três formas de experiência mística para o Ocidente, as quais contribuem em muito para uma distinção clara acerca da mística e suas distintas formas de manifestação. Para este, a mística ocidental é especulativa, mistérica e profética.

Apesar de tais distinções, o seu espaço transcende o que é lógico e é caracterizado pelo seguinte argumento: “[...] a experiência mística apresenta-se dentro da esfera do sagrado caracterizada pela certeza de uma anulação da distância entre sujeito e o objeto imposta pela manifestação do Outro absoluto [...]”<sup>16</sup>. A mística não é entendida como “[...] fenômenos extraordinários ou anormais, espontâneos ou induzidos, que podem acompanhar os estados místicos [...]”<sup>17</sup>. As primeiras distinções de mística constam em saber que tais possibilidades podem ser encontradas na cultura grega e cristã. A grega é uma mística especulativa, já a cristã é especulativa, é mistérica e profética. De toda forma é mística a dimensão natural e sobrenatural.

O que caracteriza a experiência mística numa dimensão especulativa é o campo noético. Assim sendo, em relação a uma possível experiência do Absoluto, a dimensão do conhecimento eleva o místico para possibilitar sua abertura ao divino. Por isso, ao falar da instância do conhecimento espiritual é conveniente pensar que “a mística especulativa é, portanto, o esforço mais audaz – na mística natural – e o apelo mais radical – na mística sobrenatural – para que o espírito humano, seguindo o roteiro do *logos*, penetre no domínio do *translógico*”<sup>18</sup>.

Na mística especulativa a divindade se permite ser atingida, já que a inteligência humana une-se nesse momento em toda a profundidade da Unitrindade. Seguindo isto, se confere duas experiências, a saber, a experiência do interior e a do exterior. Para Lima Vaz a tese é de que:

[...] a mística especulativa estará necessariamente presente em toda ocorrência do fato místico, pois a contemplação é o termo normal da experiência mística, cuja interpretação teórica vê-se diante do problema maior de pensar distintamente e de exprimir na linguagem o *objeto* da contemplação: tarefa própria da mística especulativa<sup>19</sup>.

A mística especulativa é puramente platônica. Platão foi o primeiro filósofo a falar sobre Mística. No *Fédon* e na *República*, quando Platão fala da ascensão do sensível para o inteligível, podemos encontrar os conceitos preliminares de uma mística refletida pelos neoplatônicos. Do mundo sensível Platão reflete a possibilidade que existe do homem passar para o mundo inteligível. Subjetivamente a *psyché*, numa dimensão platônica, atinge o seu ponto mais alto com a inteligência e o mais culminante pelo esforço do intelecto.

Consequentemente, nas *Enéadas* de Plotino é possível encontrarmos fragmentos de uma mística especulativa. Pela emanção a inteligência não se determina, pois apenas o perfeito que é o inteligível é autor de uma experiência mística. A condição disto é aquela que o filósofo argumenta em que “[...] todas as coisas vivem devido ao todo, devido a onipresença da Alma, semelhante ao Pai, que a engendrou em sua unidade e sua universalidade”<sup>20</sup>. As categorias da experiência mística em Plotino são a Alma e o Uno, sendo que a consumação disto consiste em uma proximidade.

Já a mística profética tem sua base na palavra de Deus, incluindo sua repercussão junto ao povo. A fé é a sua base a qual nasce por meio da Palavra. A mística profética é uma mística da escuta que se aperfeiçoa através da fé (*pístis*) e no amor (*ágape*). Trata-se de uma experiência mística da escuta e da prática; “[...] a mística profética é a forma original da mística cristã”<sup>21</sup>. Sendo profética é por excelência especulativa e misteriosa. Com isso, o homem passa a participar da divindade a partir da união com Deus. Desse modo, a mística profética tem seu campo na Palavra, por primeiro e em seguida no mistério. Através da palavra e do mistério o místico encara a Revelação de Deus. A proposta que as Escrituras Sagradas revelam de como ser um cristão configura a mística profética em uma única base, o ‘Cristo’, é por meio dele que a mística misteriosa circula.

Apesar disso, Cristo é irreconhecível e não é por esta dimensão puramente cristã que o místico obterá um conhecimento profundo do verbo. Esse é o fato de a palavra ser reconhecida por meio do Filho. Os mistérios (*sophia* e *gnosis*) se ofuscam em Cristo.

SOUSA, M. A. A. Para compreender a base antropológica da mística. *Revista Eletrônica Amplamente*, Natal/RN, v. 1, n. 1, p. 91-102, jan./mar. 2022. ISSN: 2965-0003.

Por isso “a mística profética apresenta-se, portanto, como vida a que todo cristão é chamado (Jo 15, 15), e de intensa participação na oração e na contemplação do Senhor”<sup>22</sup>.

Os atos da fé (*pístis*) e do amor (*ágape*) podem ser entendido em *Atos dos Apóstolos 2*, em que os primeiros místicos proféticos experienciaram a Deidade intensamente. O aspecto subjetivo (escuta – contemplação) conduz o místico ao aspecto objetivo (palavra – fé). A experiência mística profética pode assim ser descrita: “[...] por sua vez, a palavra alimenta a fé, e o místico oferece à contemplação, constituindo o ritmo dinâmico da experiência mística”<sup>23</sup>.

O homem da mística profética é um mero receptor dos mistérios de Deus. Assim, o místico profético caracteriza-se por este pilar: da fé à contemplação; da palavra ao mistério e, da fé à palavra; da contemplação ao mistério. Para a mística profética são necessários experienciar a dimensão eclesial e propriamente individual. A dimensão eclesial consiste em fazer parte do todo que é Cristo. Ao considerar-se um membro do Corpo de Cristo em um todo, o místico profético assume sua postura de Igreja.

O termo mediação, trabalhado por Lima Vaz, pode ilustrar o que realmente possibilitará um sentido místico à experiência mística profética, a qual tem um “duplo estágio da mediação: primeiramente, mediação da palavra histórica recebida na Fé; em seguida, mediação do mistério na contemplação”<sup>24</sup>. A mediação criatural consiste em considerar o homem a partir de Deus. Nesta mediação não se pode pensar princípios de identidade ou de união. O homem assume a imagem. Nesta instância ele recebe sua consistência ontológica norteadas pela dimensão cristã.

A mediação da graça é a experiência mística caracterizada pela realização dependente de Deus. Não basta esforços feitos pelos homens, Deus é quem realiza tudo. E por fim a mediação histórica é assim descrita:

Por um lado é subida pelos degraus da perfeição que conduz à contemplação e união frutiva com Deus. Por outro lado é, na unidade de um mesmo movimento, um avançar no tempo em direção à união e a visão definitivas na eternidade<sup>25</sup>.

A contemplação é o cume da experiência mística profética. Na contemplação o centro é o mistério. Desse modo, a mística profética é cristã e tem seu ápice na

contemplação. A contemplação é puramente o amor - *ágape*. Assim sendo, o amor não é abstrato, mas uma ação concreta - amor (*caritates*). O amor e o serviço são a base do segmento proposto por Cristo.

A mística mistérica é um acontecimento alegórico, porém, em relação ao homem, tem suas características na dimensão externa. Deriva de uma única origem, mas “[...] atribui-se convencionalmente a uma forma de experiência do divino (*theïon*) ou do deus (*theós*) que floresceram nos antigos cultos místéricos e iniciáticos da tradição grega”<sup>26</sup>. Apesar disso, não significa dizer que a mística mistérica é apenas uma experiência helenística, mas é também cristã. Para ambas, diferente da mística especulativa, na mistérica trata-se de uma experiência com o Absoluto a partir de um espaço que é considerado sagrado e é utilizado para introduzir alguém a algo (ao *theós*)<sup>27</sup> ou especificamente a um mistério sacramental (Deus)<sup>28</sup>.

A mística mistérica é uma experiência descrita a partir da própria vivência do místico para o interior. Ela pode ser compreendida melhor quando os estilos de experiência reflexiva e litúrgica são levados em consideração e aceitos como base da mística mistérica. Tal estado foi primeiro manifestado na religião grega. Lima Vaz, ao falar sobre isso, diz que: “os cultos de mistérios são, com efeito, uma das formas de vivência e expressão dos mitos transmitidos através da história religiosa e cultural da Grécia antiga”<sup>29</sup>.

Objetivamente dois aspectos podem ser extraídos da mística mistérica: a transformação e o conhecimento. Este diz respeito ao conhecimento verdadeiro do que emana toda a verdade e aquele diz respeito ao místico, ou seja, na divindade é um novo Ser. Trata-se do sopro divino (*euthousiasmós*). No *mystérion* enquanto uma dimensão mística, objetivamente, o objeto central se desvela, mas permanece em si, no âmbito oculto.

Percebeu-se que para Lima Vaz o que consta na experiência mística mistérica é o *mythos* o qual é incompreensível. Assim, o discurso que provém deste espaço místico é uma preleção sagrada (*hieròs logos*) tanto literária como cultural. Seja este ou aquele, a forma, as quais rezam seus cultos sagrados levam o místico a uma *gnosis théa* onde *theïon* está como objeto das aspirações místicas.

Esse aspecto da mística grega difere da cristã, pois esta consiste fundamentalmente no plano de Deus. Sendo assim, a mística mistérica cristã “[...] não será mais do que a experiência intensamente vivida da vida em nós desse *mystérion*, traduzindo-se na sinergia entre o Espírito de Deus e o nosso espírito, que leva Paulo a exclamar: ‘Não vivo eu, Cristo vive em mim’<sup>30</sup>.

No cristianismo, a mística mistérica está fundamentada no Batismo, na Ressurreição e na Plenitude em que João Batista e Paulo anunciavam os *mystérions* de Cristo. A dimensão objetiva desta experiência mística cristã é a revelação a qual Paulo e João Batista oferecem como verdade revelada.

Em vista dessa verdade, a objetividade do *mystérion* cristão tem manifestado a partir de ações culturais um teor litúrgico para uma plena revelação. Em suma, objetivamente a esta dimensão se trata do próprio Cristo. A partir disso, a dimensão subjetiva dessa forma mística é anunciada pelos dois pilares João e Paulo que “em Cristo e no Cristo”<sup>31</sup> o homem poderia encontrar o princípio subjetivo da mística mistérica.

## CONCLUSÃO

A *gnosis* do Cristo *ágape* é o cume das mais altas pretensões místicas, sendo, portanto, a vida mística. A vida mística mistérica consiste, para Lima Vaz, no seguinte ponto: “[...] será justamente no espaço simbólico da palavra e do rito como ação do corpo eclesial, vem a ser na liturgia, que a mística mistérica encontrará sua forma privilegiada de expressão”<sup>32</sup>.

É na ação litúrgica que o Absoluto torna-se o centro tanto do ato do culto e do rito como também dos sacramentos. Segundo Lima Vaz: “Em [...] sua acepção estreita, tem como eixo a participação objetiva do cristão no *mystérion*, no sentido paulino, tornando presente na liturgia ou na ação sacramental (*mystérion* = sacramentos) na Igreja”<sup>33</sup>. Em suma, a mística mistérica está unida à dimensão cristológica da fé.

A mística torna-se, portanto, enquanto objeto de estudo, uma disputa que procura entender a melhor maneira de corresponder à união de uma dualidade existente nesta fonte de mediação, se assim pode ser compreendida. Com a tentativa de apresentar

os conceitos preliminares do que consiste a mística, como também as principais correntes que fazem parte da dimensão politeísta e monoteísta se destacam o fato de que o conhecimento do Absoluto ou do transcendente tem como objeto de especulação filosófica conceber algo situado no mistério.

## REFERÊNCIAS

- BAY, D. M. D. Fascínio e terror: o sagrado. **Cadernos de Pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**. Florianópolis, vol. 5, n. 61, p. 1-18, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1195/4443>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- BOFF, L. Introdução. In: **O livro da divina consolação e outros textos seletos**. Trad. De Raimundo Vier; Fidelis Vering, Leonardo Boff, Emmanuel Carneiro Leão e Gilberto Gonçalves Garcia. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 11- 48. (Coleção Pensamento Humano).
- BLANCO, M. R. P. Modos de la mística. In: \_\_\_\_\_. **Lenguaje y experiencia en la mística judia**. Madrid, 2008. p. 09 – 19. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidad Complutense de Madrid, 2008. Disponível em: <http://eprints.ucm.es/8069/2/T30435.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BÍBLIA. Português. **A BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Tradução de La Sainte Bible. Nova edição, revista. São Paulo: Paulinas, 1985. 2366 p.
- JAYARAM. The meaning of Samkara and Shankara. In: **Hinduism**. Disponível em: <http://www.hinduwebsite.com/siva/sankara.asp> >. Acesso em: 29 mar. 2022.
- LIMA VAZ, H. C. **Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000.
- PLOTINO. **Tratado das Enéadas**. Trad. De Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editorial, 2000.
- TUGENDHAT, Ernst. Sobre mística. In: **Diálogo Científico**. Santiago de Chile, vol. 14, n. ½, p. 11- 21, 2005.
- VERNANT, J.P. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. Trad. de Joana Angélica D' Avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

## NOTAS DE REFERENCIAS

<sup>1</sup>BOFF, L. Introdução. In: **O livro da divina consolação e outros textos seletos**. Trad. De Raimundo Vier; Fidelis Vering, Leonardo Boff, Emmanuel Carneiro Leão e Gilberto Gonçalves Garcia. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 11- 48. (Coleção Pensamento Humano). p. 14.

<sup>2</sup> *Id. Ibid.*, p. 15.

<sup>3</sup> TUGENDHAT, Ernst. Sobre mística. *In: Diálogo Científico*. Santiago de Chile, vol. 14, n. ½, p. 11- 21, 2005. p. 11.

<sup>4</sup> A referente ideia diz respeito a uma religião institucionalizada.

<sup>5</sup> Sankara é um nome composto pelas palavras *Sam* (bom) e *Kara* (doer) que caracterizam o líder espiritual hindu. Sankara é um líder espiritual virtuoso e, portanto, tende à boas obras. Cf. JAYARAM. The meaning of Samkara and Shankara. *In: Hinduism*. Disponível em: < <http://www.hinduwebsite.com/siva/sankara.asp> >. Acesso em: 29 de mar. de 2012.

<sup>6</sup> BOFF, 1994, p. 18.

<sup>7</sup> BLANCO, M. R. P. Modos de la mística. *In: \_\_\_\_*. **Lenguaje y experiencia en la mística judia**. Madrid, 2008. p. 09 – 19. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidad Complutense de Madrid, 2008. p. 41. Disponível em: <http://eprints.ucm.es/8069/2/T30435.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2010.

<sup>8</sup> Para BLANCO, 2008, p. 42, o nirvana corresponde a ausência de tudo o que produz a dor, seja ao desejo, ao ódio... é abrir-se para o equilíbrio.

<sup>9</sup> BLANCO, 2008, p. 42.

<sup>10</sup> Fundador da religião taoista. O taoismo é uma das religiões mais antigas da civilização chinesa.

<sup>11</sup> É considerado um pensador para a cultura chinesa. Seu pensamento influenciou a religião budista.

<sup>12</sup> *Id, Ibid*, p. 43.

<sup>13</sup> *Id, Ibid*, p. 47.

<sup>14</sup> LIMA VAZ, H. C. **Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 15.

<sup>15</sup> A palavra Numinoso é de origem latina << *numem* >> e significa Deus. Esse termo foi utilizado por Rudolf Otto em sua obra *O Sagrado* (1992), citado por Dora Maria Dutra Bay em seu artigo *Facínio e Terror: o Sagrado é entendido como um neologismo, a ideia de portador da plenificação das coisas*. Cf: BAY, D. M. D. Fascínio e terror: o sagrado. **Cadernos de Pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**. Florianópolis, vol. 5, n. 61, p. 1-18, 2004. p. 6. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1195/4443>.

Acesso em: 01 mar. 2011.

<sup>16</sup> LIMA VAZ, 2000, p. 15.

<sup>17</sup> *Id. Ibid.*, p.16.

<sup>18</sup> LIMA VAZ, 2000, p. 30.

<sup>19</sup> *Id. Ibid.*, p. 35.

<sup>20</sup> PLOTINO. **Tratado das Enéadas**. Trad. De Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editorial, 2000. 1, 10.

<sup>21</sup> LIMA VAZ, 2000, p. 57.

<sup>22</sup> *Id. Ibid.*, p. 60.

<sup>23</sup> *Id. Ibid.*, p. 61.

<sup>24</sup> LIMA VAZ, 2000, p. 65.

<sup>25</sup> *Id. Ibid.*, p. 68.

<sup>26</sup> *Id. Ibid.*, p. 47.

---

<sup>27</sup> Como por exemplo, os cultos místéricos a *Elêusis*, a *Dionísio* e o *orfismo*. Cf. VERNANT, J.P. O misticismo grego. In: \_\_. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006. p. 71-85.

<sup>28</sup> Jesus e os mistérios revelados pela fé.

<sup>29</sup> LIMA VAZ, 2000, p. 48.

<sup>30</sup> *Id. Ibid.*, p. 52.

<sup>31</sup> Ef. 1, 27-28.

<sup>32</sup> LIMA VAZ, 2000, p. 54.

<sup>33</sup> *Id. Ibid.*, p. 55.

Data de submissão: 28/02/2022. Data de aceite: 12/03/2022. Data de publicação: 16/03/2022.